

# Virtudes e defeitos

*Proposta ampliou o turno e eliminou as séries, mas governo e sindicalistas divergem sobre o novo sistema*

O ser humano do século XXI vai precisar ser criativo, competente, emocionalmente estável e saber enfrentar desafios. E foi pensando em educar o homem do novo milênio que nasceu o projeto Escola Candanga, implantando desde 1995 pelo governo do Distrito Federal, copiado em vários estados, e que pretende mudar a formação dos brasileiros desde os primeiros anos de idade.

A proposta da Escola é considerar o aluno como um todo: nos aspectos cognitivo, afetivo, psicomotor e social. Para isso, aumentou o turno em uma hora e aboliu as séries, implantando três fases, de acordo com idade — a primeira com crianças de seis, sete e oito anos; a segunda, de nove, dez e onze anos e a terceira, de treze, quatorze e quinze anos. Na nova escola também não existem disciplinas, mas áreas de conhecimento, e os estudantes não fazem provas, não recebem nota e nem são reprovados.

Mas, antes mesmo de chegarmos à nova era, o projeto Escola Candanga já enfrenta a sua primeira batalha: críticas de alguns profissionais da educação, receio e desconfiança por parte dos pais, dúvidas em relação à sua continuidade, tudo isto à beira da implantação da terceira e última fase do programa, prevista para acontecer em março do próximo ano.

As principais críticas partem do Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro). Seu diretor, Marcos Pato, elogia a filosofia do projeto mas indica vários ajustes e problemas, que, de acordo com ele, precisam ser imediatamente resolvidos. “O que existe de defeito tem de ser superado para melhorar a qualidade da educação”, defende.

## Implantação

A primeira crítica refere-se à implantação da terceira etapa do programa. Pato acusa a secretaria de Educação de não promover o debate com os professores antes de marcar a data para a executar a proposta. “A decisão de implantar a terceira fase agora é precipitada, voluntarista e autoritária”, acusa. “A maioria dos professores ainda não sabe o que é a Escola Candanga”.

O sindicato encaminhou uma proposta ao ex-secretário de Educação, Antônio Ibañez, pedindo o adiamento da implantação para o ano 2000, mas que foi recusada. De acordo com Ibañez, vários encontros e seminários já aconteceram para discutir a proposta, que foi aceita pela maioria dos professores. “Não cogitamos a hipótese de adiar a implantação, isto já foi bastante discutido”, diz ele.

Em relação às primeiras e

segundas fases, que começaram a ser implantadas em 1997, o diretor do sindicato tem várias críticas. A principal delas refere-se ao excesso de alunos na mesma sala de aula. Segundo ele, cada sala chega a comportar 45 alunos nas cidades-satélites mais distantes.

“Como o atendimento é individualizado, o professor tem muito mais trabalho com turmas maiores e não consegue atender a todas as necessidades de cada aluno”, argumenta Pato. Já o ex-secretário de Educação desmente a versão do sindicalista, afirmando que a média é de 30 alunos por sala e que somente se está cumprindo a lei. “Não temos nenhuma sala que esteja ferindo a lei aprovada pela Câmara Legislativa”.

## Versões

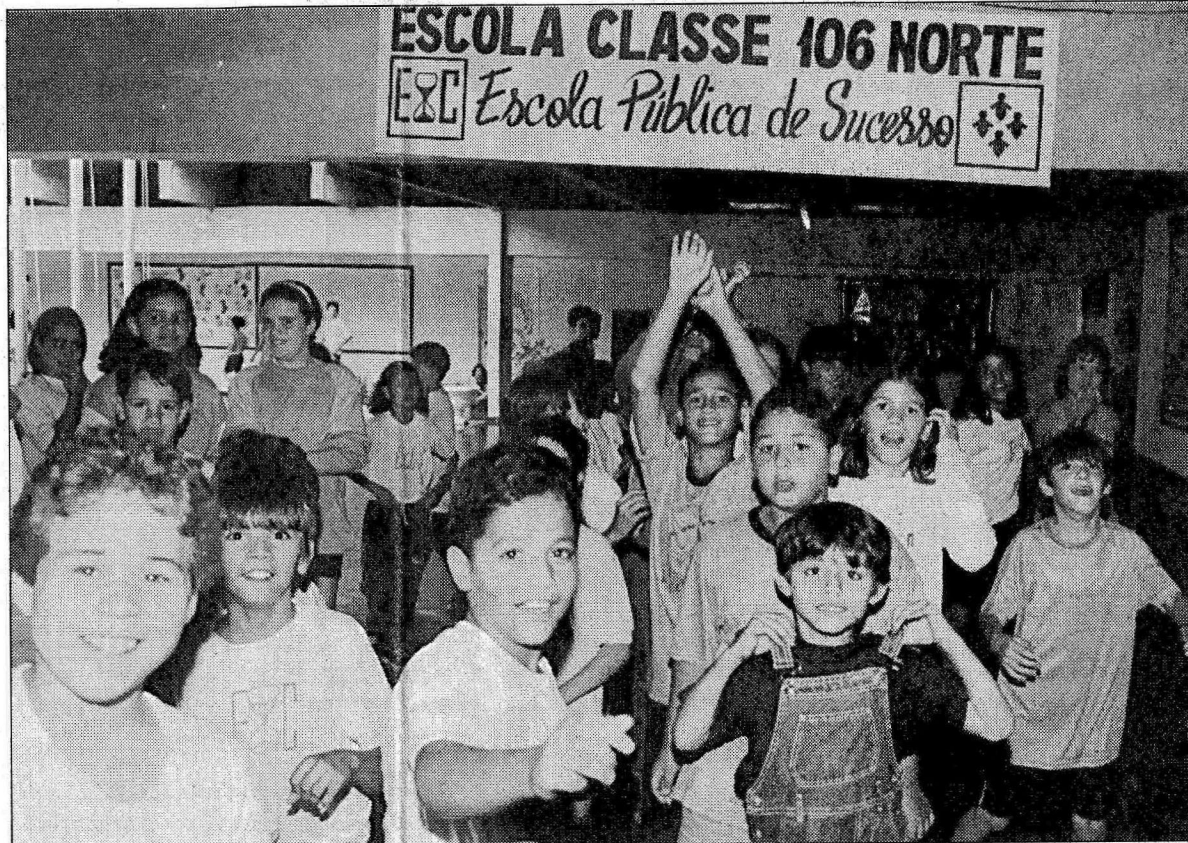
Na prática, nem uma das duas versões é completamente verdadeira, nem inteiramente falsa, mas depende da realidade da escola. Na Escola Classe 106 Norte, por exemplo, o projeto foi implantando com quase perfeição. As turmas são pequenas, o atendimento individualizado e os elogios dos pais à altura. Já na Escola Classe 02, em Ceilândia, a turmas chegam a ter 35 alunos e o número de estudantes fora da série correta é grande.

Outra crítica de Marcos Pato é feita em relação à idade que, ele diz, é o único critério de enturmação. Isto acontece porque a filosofia da Escola Candanga é encaixar o aluno na turma de acordo com a idade e não em relação ao conhecimento que ele possui. “Acredito que estar com colegas muito mais novos é muito mais desestimulante”, defende o secretário.

O diretor da Escola Classe 02, em Ceilândia, José Luis Pereira, confirma que, inicialmente, os alunos foram mesmo encaixados em turmas somente de acordo com a idade. Mas, conforme ele, isto já foi resolvido com a implantação das turmas de reintegração, em que os estudantes que estão atrasados passam por um processo de aceleração para acompanhar a turma da sua idade.

A aprovação automática também preocupa o diretor do Sinpro, já que na Escola Candanga o aluno passa de fase assim que completa a idade necessária. Ele argumenta que, aprovando automaticamente os alunos, o projeto está formando “analfabetos funcionais”. “É um problema muito sério, à medida que o estudante vai avançando, começam a surgir desvios de aprendizagem devido à falta do conteúdo que ele não absorveu”, avalia.

Antônio Ibañez diz que visão do sindicalista é “conservadora” em relação a este tema. De acordo com o ex-secretário, o aluno



ESCOLA da 106 Norte: turmas pequenas e atendimento individualizado aos alunos



PROFESSORES: novo sistema revolucionou o ensino e tornou o aprender mais interessante

tem três anos (tempo de uma fase) para desenvolver as habilidades que porventura possa estar em defasagem. E, se ao término da fase, ele ainda apresenta os mesmos problemas, isto será anotado no relatório individual que acompanha o aluno durante sua vida escolar, para que o professor da próxima fase corrija a distorção.

## Escolas

Nas escolas, a preocupação com a aprovação automática é quase inexistente. Na Escola Classe 106 Norte, as professoras da primeira fase garantem que o aluno passa de fase sabendo o que precisa para obter sucesso na fase seguinte. “A avaliação é feita

durante todo o processo, por isso podemos detectar falhas e corrigi-las”, explica a professora Maria Dora Macedo, que orienta uma turma com alunos de sete anos. “O aluno tem um período de cerca de nove anos para recuperar o que não aprendeu, é melhor que ficar para trás”, analisa o vice-diretor da Escola Classe 02, Clério de Andrade.

As críticas dos professores referem-se muito mais à falta de estímulo ao trabalho do professor e à falta de informação. Com a introdução de relatórios em vez de notas, o trabalho foi multiplicado, porque em vez de um valor absoluto, o educador tem de exprimir em palavras se o aluno tem condição ou não de

avançar. “Aumentou o trabalho burocrático”, explica a professora Celeste Borges, que trabalha com alunos de oito anos. “Não estamos habituadas a fazer isso, talvez no futuro possa ser um ato natural”.

Os mestres dizem ainda que durante a implantação do projeto houve muita desinformação, o que gerou dúvidas e teorias. “Somente com a prática é que fomos nos adaptando”, explica Maria Dora. O professor José Luis também observou o mesmo problema, e acrescenta: “Muitos professores ainda não se adaptaram à proposta, ainda estão pensando em séries”.

**HELAYNE BOAVENTURA**  
Repórter do Jornal de Brasília

## Uma chance aos repetentes

As turmas de reintegração são uma das mais importantes criações da Escola Candanga. Combatidas pela direção do Sinpro, que aponta várias falhas em sua implantação, e menina dos olhos do ex-governo, a classes de reintegração comportam estudantes que estão atrasados em relação a crianças da mesma idade devido a repetidas reprovações, até que possam ser novamente integrados na fase correspondente à sua idade.

O diretor do Sinpro, Marcos Pato, elogia a existência das turmas de reintegração, mas faz algumas críticas. Ele aponta, por exemplo, o grande número de alunos na mesma turma com processos de aprendizagem bastante diferentes, o que dificultaria o trabalho do professor, mas dá ênfase na crítica à falta de uma avaliação que comprove se realmente o aluno aprendeu todo o conteúdo que necessita.

Seu questionamento ocorre porque os estudantes ficam na turmas de reintegração basicamente um ano, independente de quantas séries eles estejam defasados. Um rapaz de 13 anos que ainda estiver cursando a quarta série, por exemplo, frequenta a classe de reintegração e logo depois será matriculado na fase ou na série correspondente à sua idade, no caso da sétima série. “Que forma milagrosa é essa que faz o aluno aprender em um ano o que não conseguiu em vários?”, questiona.

## Defesa

O ex-secretário da Educação, Antônio Ibañez, defende o processo, argumentando que uma criança mais velha tem capacidade de aprender muito mais rápido o mesmo conteúdo que uma mais nova. “E mesmo que ele continue com alguma defasagem, mais tarde acaba acompanhando”, acredita. “Problema maior é o aluno que se desestimula e perde a sua auto-estima depois de seguidas reprovações”.

No dia-a-dia, as classes de reintegração convivem com muitos problemas, principalmente com a heterogeneidade de alunos, mas os resultados são positivos, como apontam os professores da Escola Classe 02, em Ceilândia. No último ano, dos 24 alunos da turma de aceleração nº1, 14 conseguiram avançar e ser reintegrados à fase correspondente. Os outros dez vão continuar frequentando a turma de reintegração, a nº2.

“A turma de reintegração foi um desafio muito grande para mim, cada aluno tem um grau de dificuldade e de maturidade”, confessa a professora Maria Aparecida da Cunha. “Mas é válido; é dar condições para que o aluno possa vencer”.

Para a estudante Elaine Teodoro de França, 13 anos, frequentar a turma de reintegração foi ter uma nova chance. Ela estava atrasada dois anos e já sentia os efeitos das reprovações. “Eu ficava com vergonha porque todos os meus colegas eram mais novos”, conta.

Ela diz que reprovou por falta de interesse e de atenção, e que a classe de aceleração despertou nela a vontade de estudar novamente. “Parei e pensei: eu não precisava estar aqui”, confessa. A partir daí, Elaine se dedicou e, antes de completar um ano na turma — pois as avaliações são feitas a cada três meses — ela foi reintegrada à quinta série em uma escola seriada.

Elaine afirma que não teve problemas na maioria das disciplinas, a não ser em Matemática, em que precisou de aulas particulares de uma vizinha e de todo o apoio da família na hora de estudar. Depois do esforço, veio a recompensa. Elaine passou direto de ano, e já se prepara para frequentar a sexta série. “Agora quero ser professora”, revela. “Descobri ensinar é estar aprendendo o tempo todo, e é preciso estudar”, ensina. (H.B.)